

A arte de ensinar

DEONÍSIO DA SILVA

Todo o meu esforço como professor e na mídia tem sido empregado para enfatizar que precisamos, de uma vez por todas, recuperar a qualidade de ensino de língua portuguesa. Ainda que estejamos diante de uma crise, devemos lembrar que as disciplinas de todos os níveis de ensino, da educação bá-

sica ao doutorado, são ministradas em nossa língua. Portanto, é inadmissível que se desconhecem os seus fundamentos, necessários para uma eficaz organização do pensamento e da expressão.

A mais importante expressão de uma nacionalidade é representada pela cultura, isto é, a língua nacional. Assim, sempre recomendo aos educadores que dediquem especial cuidado no cultivo da língua portuguesa, pois é estratégica para o ensino de todas as formas de conhecimento nas nossas escolas. Isso requer um critério mais exigente na seleção de professores e a sua alocação na grade escolar de forma a reforçar o bom desempenho final dos alunos.

Dessa maneira, contribui-se para a manutenção do interesse dos estudantes e a diminuição da evasão escolar, uma grande chaga da educação brasileira.

Quem acredita nos valores da educação faz qualquer esforço para demonstrar que sua causa é imprescindível para a sociedade. Contudo, tal atitude precisa ter a força de convencimento capaz de satisfazer as dúvidas dos próprios professores e dos seus alunos. O exercício do magistério se faz por causa do salário, de um posto de trabalho ou da condição toda peculiar da atividade de professor? É importante que fique claro para todos a especificidade da posição de educador.

O perfil do ensino no Brasil conheceu uma profunda transformação nas últimas décadas. No passado, a função de professora, para a mulher, representava um destacado papel social, não apenas pelo salário, mas porque se tratava de um

ofício digno e conferia-lhe grande reconhecimento. A escola ostentava a condição de uma espécie de “tocha do sagrado”, cujo ambiente era impregnado de uma atmosfera de conhecimento. Em algum momento, essa condição foi perdida e, hoje, tristemente, testemunhamos coisas absurdas como professoras que apanham de seus alunos.

Outrora havia a noção de mérito para o ingresso na escola pública; hoje, só frequenta a rede pública quem não tem recursos para estudar em escola privada. O Estado deixou de cuidar do ensino básico para concentrar suas atenções no ensino superior e na pós-graduação. Ao longo de nosso processo de desenvolvimento, proclamou-se que deveríamos valorizar a educação, mas, paradoxalmente, as autoridades passaram a valorizá-la menos. Num certo momento, os caminhos da educação no Brasil se bifurcaram e tomaram rumo errado: cada vez gastamos mais e aplicamos as verbas de maneira pior.

Em termos das raízes históricas da atividade de professor e da herança educacional brasileira, devemos compreender que fazemos parte do legado da civilização greco-latina transmitida desde o Império Romano até Portugal. A forma do ofício de professor conforme conhecemos resultou da mediação entre o mundo antigo e a sociedade ocidental operada pelas ordens religiosas. Sem a Igreja não haveria universidades no Ocidente. Portanto, para início de conversa, o professor deveria ser casto e professar um determinado conhecimento, além de ter o reconhecimento dessa competência.

Na Grécia clássica, Platão ensinava ao ar livre em redor da estátua de Academus, um herói militar grego – daí a origem do termo “aca-

demia”, pois era o lugar em torno do qual se reuniam os discípulos do pensador. Quando o ato de ensinar migrou para um recinto fechado, foi exercido nos palácios, nos pátios e em espaços denominados em grego “aulé”, que em português originou o vocábulo “aula”. Era tão importante a transmissão de conhecimento que até os militares recebiam instrução filosófica de respeito às culturas estrangeiras.

Após dominar militarmente a Grécia, os romanos absorveram a alta cultura da civilização helênica e valorizaram o respeito pelo conhecimento. A noção de que era preciso aprender o máximo possível levou as pessoas a cultivarem o saber inclusive nos seus locais de ofício, nos intervalos de trabalho – intervallu em latim significa escola. Com a transformação do cristianismo em religião oficial do decadente Império Romano, a partir do século IV d.C., iniciou-se uma longa trajetória dos integrantes da Igreja Católica como detentores do monopólio da divulgação da cultura ocidental.

De volta à realidade brasileira, acredito que, à luz das experiências históricas citadas, as autoridades educacionais deveriam seguir o exemplo da boa política da pólis grega, ou seja, reorganizar o ensino nacional ouvindo as sugestões dos professores. A Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa é um exemplo concreto de confusão gerada pela decisão de concentrar em uma só pessoa a tarefa de normatizar alterações de consequências tão amplas – e hoje não sabemos mais qual língua temos.

Os nichos de escolas de qualidade existentes no Brasil denunciam que nosso problema não é a falta de boa educação, mas a impossibilidade de acesso para a maioria da população. E parece que o setor público insiste em piorar a qualidade do Ensino Médio a cada ano. Os resultados brasileiros nas avaliações internacionais são simplesmente vergonhosos

QUEM ACREDITA NOS VALORES DA EDUCAÇÃO FAZ QUALQUER ESFORÇO PARA DEMONSTRAR QUE SUA CAUSA É IMPRESCINDÍVEL PARA A SOCIEDADE

– em toda a América Latina, estamos à frente de apenas um país.

Na minha avaliação, continua-se a não se realizar a correta intervenção no problema educacional brasileiro porque não são consultados adequadamente aqueles que estão na “frente de batalha”, isto é, os professores em sala de aula. É fundamental ouvir as impressões dos professores sobre as reais necessidades e dificuldades do ensino nacional. Em vez disso, o que vemos é a onipresença de um ministro da Educação que se intromete em todos os assuntos, mas não parece estar qualificado para exercer essa função da sua pasta.

Deonísio Silva é professor e escritor



